

Inclusão social e trabalho informal: o “corre” das artes e das técnicas

Social inclusion and informal work: the “corre” of arts and techniques

Francisco Antônio Zorzo¹

Sabrina Barbosa Xavier dos Reis²

Resumo: A presente pesquisa visou apontar características do trabalho contemporâneo, enfatizando a dinâmica e a precarização do trabalho temporário chamado de *corre*, mas também mostrando que é um processo de introdução e de inclusão social de jovens e da população potencialmente ativa no mercado de trabalho. Para tanto, foram entrevistadas/os trabalhadoras/es do espaço urbano de Salvador, sobre suas vivências na informalidade.

Palavras-chave: Trabalho informal. Precarização. Espaço público.

Abstract: This research intend to find characteristics of contemporary work, emphasizing the dynamics and precariousness of temporary jobs called *corre*, but also showing that it is a process of introduction and social inclusion of young people and the population potentially active in the market. For this, workers in the urban space of Salvador were interviewed about their experiences in informality.

Keywords: Informal work. Precariousness. Public space.

¹Francisco Zorzo é mestre e doutor, professor associado da UFBA e um dos fundadores do PPGDCI/UEFS (Feira de Santana, BA). E-mail: fazfeira@gmail.com.

² Sabrina Reis é discente no curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (UFBA, Salvador, BA) e bolsista PIBIC-UFBA. E-mail: sbxreis@gmail.com.

INTRODUÇÃO

É muito relevante que a pesquisa social contemporânea procure delinear e caracterizar o trabalho informal no Brasil, dada a complexidade que permeia o seu debate. No tenso período que vivemos, dados expressivos indicam que, no país, há cerca de 40 milhões de trabalhadores na informalidade, segundo dados do IBGE (2019), na pesquisa PNAD Contínua. Esse universo pode ser ainda maior, se somarmos todos os que indiretamente dependem dos informais, dos que vivem do trabalho por conta própria não registrado e do trabalho não remunerado, enfim, das atividades cotidianas, ligadas à reprodução social, que são popularmente chamadas de *corre* – fenômeno que acontece, sem dúvida, devido à constante mutabilidade e adaptabilidade das atividades laborais.

O surgimento de novas condições de reprodução da força de trabalho, em grande parte devido ao avanço da tecnologia, atrela também transformações no mundo do trabalho informal, trazendo correspondentes respostas culturais e sociais na esteira da globalização. Em outras palavras, portanto, é certo afirmar que o trabalho informal contemporâneo é variável, heterogêneo, polifacetado, sobredeterminado, ou seja, culturalmente e subjetivamente diverso.

Apontar o *corre popular urbano* enquanto meio com que se alcança inclusão social significa, sobretudo, falar sobre um movimento já conhecido de diversos grupos sociais que historicamente precisaram encontrar trabalho e lutar “por um lugar ao sol”.

É a partir desse reconhecimento que a presente pesquisa visou apontar características da vida contemporânea, enfatizando a dinâmica e a precarização do trabalho temporário, chamado de *corre*, mas também mostrando que é um processo de introdução e de inclusão social de jovens e da população potencialmente ativa no mercado laboral. Com este fito, foram entrevistadas/os trabalhadoras/res do espaço urbano de Salvador, sobre suas distintas vivências na informalidade. Seus relatos contribuem para elucidar muitas questões de sociabilidade e da micropolítica cotidiana, bem como entender o potencial investimento coletivo no trabalho e no uso do tempo.

Trabalho, informalidade e espaço público - Relatos do *Corre*

A inclusão produtiva foi identificada em diversos estudos sociológicos como acesso ao mercado de trabalho e à geração de renda. Formalmente se dá via instituições e empresas privadas e por meio de políticas públicas. No campo da informalidade, a inclusão, ou o que poderíamos chamar de penetração, no mercado de trabalho se dá por outros caminhos.

Na falta de uma política pública mais efetiva de inclusão do trabalho informal, vale lembrar a Lei do MEI (Microempreendedor Individual) de 2018. Essa lei trouxe algum alento para o profissional se formalizar, todavia carece de regulamentações e normas operacionais, entre outros fatores, que possibilitem que os trabalhadores da informalidade adotem ou não, estrategicamente, o ponto de vista dessa legislação.

Percebe-se que alguns dos fatores clássicos de exclusão social, tais como desemprego, falta de remuneração e acesso aos serviços públicos é contornado através do trabalho informal. Na falta de uma inclusão social através de emprego e de políticas públicas (PINHO et al., 2019), o trabalho informal introduz à força uma faixa da população no mercado de trabalho.

O *corre* - expressão popular que remete à trabalho instável, temporário, sem seguridade e sem vínculo empregatício comprovado – oferece serviços que, muitas vezes tem faceta sofisticada, integram conhecimentos e informações, incluindo-se tecnologias. Há o *corre* para os outros e o próprio *corre*. É um trabalho diverso que se apresenta, frequentemente, multitarefa, autodidata, resiliente, adaptável, e que requer criatividade e improviso.

O *corre* também é lente com a qual pode-se examinar o espaço público, na medida que ele o atravessa, o demarca e o complexifica; ao ponto de trazer à tona segredos internos e cotidianamente recalçados pela dinâmica da vida urbana brasileira.

As transformações do sistema econômico refletem, reciprocamente, os modos de vida dos novos sujeitos produtivos e sociais, de modo que diante destas mudanças tais sujeitos são ignorados, desprotegidos e

frequentemente desconsiderados (VASAPOLLO, 2005, p.82). É justamente o que se pode observar na essência do *corre*: o esforço dos indivíduos que tentam manter a atitude de quem desempenha algo útil, mesmo quando as condições são de exploração; buscando algum proveito coletivo, ainda que desprezados e mal vistos pelo ângulo do *status quo*.

É por esse motivo que os sujeitos da *correria* pensam estratégias adequadas ao seu mundo de relações e possibilidades. O indivíduo que vive do *corre*, precisa estar atento, utilizando-se das habilidades e conhecimentos pessoais para inovar no mercado. O artifício do “virar”, do “se virar”, mesmo com “o elogio da mistura e instabilidade, o prazer com a transformação constante do entorno”, exigem do sujeito a invenção de “outros possíveis” (DIOGENES, PAIS, ALMEIDA; 2015). É factível, pois, ao fenômeno dessas atividades que se aprende fazendo, atua-se com o que se tem, e a cada projeto se pode mudar ou incorporar novas habilidades (Idem; 2015).

São esses os traços do trabalho informal contemporâneo que os relatos de trabalhadores e trabalhadoras do espaço urbano de Salvador possibilitam indicar. Vejam-se abaixo dois relatos sintetizados colhidos de trabalhadores do *corre*.

M. trabalha de domingo a domingo. Sua grande paixão é a estética e na estética suas habilidades são múltiplas: trancista, manicure, pedicure, designer de sobrancelha, cabeleireira, maquiadora... e a lista nunca estará completa, afinal como faz questão de lembrar “*ninguém sabe demais, todos os dias a gente tá aprendendo*”. A rotina começa cedo, normalmente às 8h da manhã. Toma os transportes públicos e vai de casa em casa para atender suas clientes. São várias as regiões que ocorre de frequentar em Salvador: Praia do Flamengo, Itapuã, Graça, Vitória, Campo Grande, Cardeal, Alto das Pombas, Garibaldi, Ondina ... e vai com satisfação: “*o que eu faço triste, nem faço. Vou alegre*”. M. está com 55 anos, mas trabalha desde os 12. Nunca trabalhou de carteira assinada. (Entrevista³).

B. é artista circense de 24 anos e para ela a rua é um grande palco livre: “*tudo é material de trabalho. Desde uma pessoa que passa e interage com você, até um engarrafamento ou uma situação de estresse. Isso tudo pode virar material pra interagir, fazer humor*”. Saída da estação Lapa, Garibaldi, Pituba, Rio Vermelho, Comércio são alguns dos pontos da cidade de Salvador para os quais B. já levou sua arte circense.

³ M. Entrevista I [ago. 2023]. Entrevistadora: Sabrina Reis. Salvador, 2023;

Trabalhar com arte nas ruas para B. é uma experiência acolhedora e de muita aprendizagem. Ela relata que não é um trabalho simples, pois há estigmas com relação aos artistas e aos trabalhadores de rua: *“o corre na rua é muito marginalizado [...] Entre nós malabaristas existe um “proceder de rua”, acordos, normas, condutas, que são comuns em quase todas as cidades. Entre nós são poucos os conflitos. As principais tretas são com a polícia mesmo”* (Entrevista⁴).

Os relatos acima são emblemáticos para elucidar alguns aspectos centrais do trabalho informal. Embora as entrevistadas expressem satisfação em relação à atividade que desempenham, são explícitos os fatores que condicionam a precarização: o desgaste mental/emocional, a competitividade, o alto grau de adaptação requerido, a instabilidade, e a auto responsabilização pelos riscos. Por outro lado, há valorização da autonomia. O autodidatismo é aspecto inerente aos labores e também fator que condiciona a dimensão criativa, já que a necessidade de autogerenciamento do próprio conhecimento conduz a adoção de diferentes estratégias para assimilação de atividades e obtenção de remuneração. Além do esforço constante, há também diversão, treinamento e aprendizado na espaço social, onde vivem muitos outros cidadãos atuando e interagindo.

Considerações finais

Pode-se dizer que o mundo do trabalho está sob processo de forte tensão no Brasil, o que gera novas formas de compromissos sociais e de produção coletiva. Tais processos complicadores tecem novos sentidos para o modo de vida em sociedade, gerando conflitos urbanos e muitas ações significativas de resistência social.

No caso do *corre*, além de incorporar os riscos de uma atividade precarizada e de urgência – é fortemente atravessado pela invisibilidade (ou até pela visibilidade negativa), pelas noções do proceder adequado e a atenção às responsabilidades e às ordens alheias (SILVA, 2017).

⁴ B. Entrevista II [set. 2023]. Entrevistadora: Sabrina Reis. Salvador, 2023;

Por ser fenômeno plural e vigoroso, o *corre* merece ser estudado em seu potencial produtivo. Vale a pena considerar o grande desafio da inclusão da população em situação de vulnerabilidade no mundo do trabalho em cidades como Salvador. Torna-se muito valioso adotar um olhar sensível para os grupos relativos ao trabalho informal, responsáveis por grande parte de atividades no campo da reprodução social, como as tipicamente localizadas nas artes, técnicas e serviços. No contexto atual das plataformas e aplicativos, as ocupações informais trazem novas questões e posturas que ressignificam os vínculos de trabalho e de solidariedade.

Referências

DIOGENES, Glória. PAIS, José Machado; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (Org.). Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 293 p. **Horizonte Antropológico**, Porto Alegre, v. 21, n. 43, p. 417-421, jun. 2015.

IBGE, IBGE Indicadores. Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua. **Rio de Janeiro: IBGE-Coordenação de Trabalho e Rendimento**, 2019.

PINHO, Roberta Justel do; PEREIRA, Ana Paula Fernandes Barão; LUSI, Isabela Aparecida de Oliveira. População em situação de rua, mundo do trabalho e os centros de referência especializados para população em situação de rua (centro pop): perspectivas acerca das ações para inclusão produtiva. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, p. 480-495, 2019.

SILVA, Evandro Cruz. **Molecada do Corre: Comércio, experiência geracional e moral do PCC**. São Carlos. Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-graduação em Sociologia. 2017. Dissertação de mestrado.

VASAPOLLO, Luciano. A precariedade como element estratégico determinante do capital. **Pesquisa & Debate Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política**, v. 16, n. 2 (28), 2005.